

Literatura libertadora na voz de Paulina Chiziane: rastros coloniais e suas marcas¹

*Renata Maria Franco Ribeiro²
souafricadebissau@gmail.com*

Resumo

Este trabalho dialoga com questões sobre identidade, oralidade e o universo da vida social e as tradições locais das mulheres moçambicanas. Nas produções a escritora moçambicana Paulina Chiziane, apresenta-se como contadora de histórias, considerada uma das vozes literárias mais respeitadas da literatura africana de Língua Portuguesa, escolheu contar nas suas narrativas histórias sobre as mulheres que traz nas suas experiências de vida marcadores acumulados, sobre os diferentes valores sociais numa sociedade com forte influência colonial e pós-colonial que insistem demarcar a cartografia da voz feminina invisibilizando o seu contributo nas diferentes esferas d sociedade moçambicana.

Palavras-chaves: Paulina Chiziane. Mulheres moçambicanas. Voz feminina.

¹ Trabalho apresentado no Curso de extensão Introdução à Literatura Moçambicana, promovido pela Revista África e Africanidades, sob coordenação e orientação da professora mestra Nágila Oliveira dos Santos, no período de abril-agosto de 2018.

² Professora da Rede Pública na Secretaria Municipal da Educação de Guaramiranga/CE. Discente Bacharelado em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

INTRODUÇÃO

“Escrever é uma maneira de estar no mundo”.

Paulina Chiziane.

“Eu sou uma mulher e falo das mulheres”.

Paulina Chiziane.

A escritora Paulina Chiziane³, uma das vozes femininas mais potentes da literatura africana de língua portuguesa, traz reflexões e experiências das mulheres moçambicanas com marcadores históricos, sociais e culturais, numa sociedade onde as vozes femininas são silenciadas pela estrutura social colonial e pós-colonial, sobretudo as narrativas da escritora, discute acerca da construção social das identidades de gênero e das sexualidades.

Nesse contexto, é de especial importância o nome de Paulina Chiziane: a escritora moçambicana foi a primeira mulher a publicar um romance em seu país, a escrita da autora privilegia as narrativas de tradição oral, as histórias das experiências das mulheres, os valores tradicionais, e sobretudo discute a violência do machismo perpetrados por homens e sobretudo inserido num sistema patriarcal, mas também praticado por mulheres.

Segundo a autora Paulina, as mulheres em parte de Moçambique² educam seus filhos e filhas ainda para a manutenção de uma sociedade patriarcal sobretudo na região sul do país.

Com *Balada de amor ao vento* (1990), Paulina Chiziane, inicia uma escrita testemunhal, em que reproduz a voz das mulheres e das tradições de seu tempo e traz à tona uma narração tão oralizada, o lugar da mulher numa posição delimitada impregnada de inferioridade e submissão.

³ Paulina Chiziane nasceu a 4 de Junho de 1955 na província moçambicana de Gaza, no seio de uma família protestante, onde se falava chope e ronga. Aprendeu a falar português na escola de uma missão católica, pouco antes de se mudar para Maputo. Iniciou os estudos superiores na Universidade Eduardo Mondlane, mas nunca concluiu a licenciatura de Linguística. A viver na capital moçambicana, Paulina acabou por se juntar à FRELIMO durante a luta pela independência.

Embora a mulher tenha um papel fundamental nas relações e manutenção familiar, sobretudo nos valores civilizatórios africanos como a memória e oralidade e no papel social nas relações de trabalho, economia, na política e religiosidade, embora ainda invisibilizada e não devidamente reconhecida toda essa trajetória das mulheres moçambicanas.

Nos romances Ventos do Apocalipse (1999) e O sétimo juramento (2000), temos narrativas que não privilegiam especificamente a questão da condição feminina, mas temas que se voltam para a questão da guerra e da religião (FREITAS, 2012).

Tecendo fios de afetividade, de humanidade presentes nas histórias, a partir das vozes femininas, a autora dialoga através da palavra, da experiência, fala de mulheres, não de política, assim sua escrita, ecoa muitas vezes como um grito de protesto, sobretudo das particularidades do universo feminino plural e heterogêneo.

Dessa forma conforme Freitas (2012) “as personagens femininas de Paulina Chiziane sempre ocupam um lugar de importância em suas narrativas, privilegia em seus romances. Portanto:

com seus romances, minimiza a invisibilidade feminina moçambicana e traz da memória pessoal e coletiva os temas que são discutidos em um espaço geográfico particular, ou seja, a palavra impressa torna público o que a oralidade particulariza pela própria condição submissa da mulher em Moçambique. O romance, por ser uma forma de registro impresso, é um gênero que possibilita o registro da expressão feminina. (FREITAS,2012, p.47)

Contadora de estórias

A escritora Paulina Chiziane, apresenta-se como contadora de histórias e expõe seu principal interesse: contar aquilo que sabe e ouve, dar alguma voz às discussões ainda não estabelecidas e tão necessárias, passar à frente o que presencia em seus caminhos. A figura da escritora, deixa vislumbrar uma fonte de conhecimento intuitivo, afastado de academicismos e ligado à terra e à espiritualidade.

Em Moçambique⁴, o costume ancestral é saber ouvir os mais velhos, os quais guardavam em sua memória o vasto legado cultural de seus povos,

⁴ A República de Moçambique (nome oficial) é um país que tem como língua oficial o Português, um acordo com a Constituição de 2014. Sua extensão geográfica corresponde mais de 801 mil

Paulina Chiziane a contadora de histórias, fala que existe dois moçambiques, embora o modo de contar as histórias sejam semelhantes, um ela tem muitas lembranças ouvindo mensagens ao redor da fogueira, onde as mais velhas e velhos contam histórias, e estas podiam ser recontadas muitas vezes, portanto na escritura da autora, iremos encontrar uma voz que valoriza a tradição de uma memória que se transmite pela oralidade.

Nos livros de Paulina Chiziane, o que se encontra é um símbolo de força: a poética da realidade na literatura feita por mãos de mulheres africanas que constroem outras possibilidades, em entrevista com o Kuphaluxa⁵, diz:

Ser mulher é muito complicado, e ser escritora é uma ousadia. Como é uma ousadia a mulher sair de madrugada ir a praia comprar peixe para vir cozinhar. A mulher está circunscrita num espaço e quando salta essa fronteira sofre represálias, há quem não as sente de uma forma directa, mas a grande maioria...
(CHIZIANE)

Dessa forma a escritora, discute questões que tocam sua existência, como mulher, para tanto escreve sobre temas as tocam nessa condição, portanto configura a experiência feminina que se constrói na alteridade feminina.

Segundo Freitas (2014), pode-se afirmar que o feminismo está presente na construção das personagens femininas de Paulina Chiziane, as peculiaridades da sua escritura contestam o lugar que é imposto pelo sistema patriarcal e se insere em uma ordem social que dá poder a uma voz feminina própria, por meio da qual se rememora um passado que viabiliza a construção de um auto identidade em espaços marcadamente pelo poder masculino.

Km² quilômetros a no sudeste do continente africano localizado na chamada África Austral banhado pelo oceano indico, tem como capital a cidade de Maputo. Com mais de 28 milhões de habitantes. Independente do domínio colonial lusitano desde 25 de junho de 1975, este ano de 2018 completou 43 anos. O mesmo documento identifica e protege diversas línguas nacionais, todas da grande família de línguas de origem Bantu, sendo as principais: Emakhuwa, Xitsonga, Ciyao, Xichona, Edchuabo, Cinyanja, Xironga, Shimakonde, Cinyungue, XiChope, Bitonga e kiswahilli. Moçambique é um franco crescimento e integra a Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), Comunidade dos Países de língua Oficial Portuguesa (PALOP), Comunidade de países de língua portuguesa e a Organização das Nações Unidas (ONU), entre diversas outras organizações internacionais. Fonte: Folder da Programação da comemoração da Festa de Independência de Moçambique na Unilab/CE.

⁵ Fundado em 2009 e apadrinhado pelo Centro Cultural Brasil – Moçambique, o Movimento Kuphaluxa, norteia-se pelos objetivos principais de, promover a literatura moçambicana na diáspora; incutir o gosto pela leitura no seio dos jovens; promover e divulgar novos aspirantes do mundo literário em Moçambique.

Conforme Mendes e Santos (2016), escritora Paulina, revela a não conformidade com a situação historicamente construída da mulher na sociedade moçambicana e o desejo de mudança dessa posição, de mostrar o valor e importância da mulher no quadro histórico, cultural do seu país.

Portanto, ao traçar este caminho de resistência e de afirmação de identidade de gênero na literatura, oportuniza refletir sobre os dilemas estabelecidos na identidade social e suas formulações históricas e culturais no cenário da sociedade moçambicana, assim abre caminhos e oportunidade na reinvenção nas relações sociais.

Conforme Mendes e Santos (2016), “Paulina Chiziane inaugura essa posição na trajetória literária feminina em Moçambique, sua escrita não representa apenas uma mulher moçambicana que fala sobre as mulheres em Moçambique”, mas também representa um posicionamento que modifica o cenário social geralmente visto como espaço dominado pelo homem, portanto:

A literatura escrita por mulheres de países que foram colonizados tem uma dupla função na descolonização das mentes aculturadas, porque as mulheres foram duplamente colonizadas, pelo sexo e pela “raça”, e por meio da literatura elas podem lutar por seus direitos. Apesar de serem respeitadas e reconsideradas na sociedade pós-colonial, após o governo imperial ser extinto, continuam sob o poder patriarcal. (MENDES; SANTOS, 2016, p.99)

Conforme Freitas (2014) “a poligamia é um tema frequente nas narrativas de Paulina Chiziane, suas protagonistas sempre expõem sua insatisfação sexual e política em relação a este sistema matrimonial moçambicano”, dessa forma, escrever um romance feminista é, certamente, para Paulina Chiziane, uma forma de gritar contra um dos maiores dilemas para a mulher moçambicana: a poligamia existente no sul de Moçambique.

O universo moçambicano na voz feminina de Paulina Chiziane e seu protagonismo

“Vida de mulher não tem meio-termo: tesouro e submissão, ou borboleta e liberdade”. Paulina Chiziane.

As mulheres moçambicanas adquiriram um protagonismo como sujeito histórico através do movimento nacionalista, em 1962, com a criação da

FRELIMO⁶. A participação na luta armada levou-as a questionarem seu papel, as relações sociais de gênero e o projeto de sociedade a ser construído.

Gaspareto (2017), “o processo revolucionário oportunizou políticas de participação, favorecendo a eleição de muitas mulheres para cargos públicos”, entretanto, o aparelho de Estado teria cooptado os quadros da FRELIMO, que não transformaram as estruturas herdadas do sistema colonial, mantendo práticas autoritárias e um modelo de desenvolvimento que logo caminhou para a estagnação econômica e tampouco questionou as contradições na vida privada.

Tal postura dos dirigentes e setores públicos e privados contribuíram para o distanciamento da atuação mais efetiva das mulheres nos espaços de poder, essa conduta mobiliza Paulina Chiziane veja com olhos mais críticos o destino da mulher moçambicana, herdeira de valores e de tradições que delimitam as funções dos membros do grupo. A escritura observa que os valores se tornam confusos, na atualidade, com o acúmulo de obrigações trazidas pela modernidade, que delegou à mulher outras funções, sem desobrigá-la das antigas.

Conforme Freitas (2012), Chiziane explora em suas narrativas temas relacionados ao cotidiano da mulher moçambicana no intuito de registrar um discurso crítico e irônico que desmistifica os modos de vida e visões equivocadas que ainda se têm sobre a mulher moçambicana.

Compartilhando dessa percepção sobre o papel da mulher suas marcas do sistema colonial dentro das relações sociais, familiares e de poder, sendo interpretado o dispositivo de dominação e opressão com a voz feminina, sobretudo das questões de categorias como classe, gênero, raça, por sua vez esses marcadores estão interseccionados legitimando a invisibilidade das mulheres nos espaços de decisões

⁶ A fundação da Frente de Libertação de Moçambique - Frelimo - surge através da fusão de três movimentos de libertação (UDENAMU, MANU e UNAMI), a 25 de Junho de 1962. Neste mesmo dia, Eduardo Mondlane é eleito presidente da Frelimo. O objectivo único deste movimento era de ver Moçambique e o povo moçambicano livre do domínio colonial português. A guerra de libertação de Moçambique terminou em 1974 com a derruba do regime de ditadura em Portugal e a fragilidade da indefinição política do mesmo.

Segundo Costa e Guedes (2010), a questão de gênero estar completamente entrelaçada em todos os aspectos da vida das comunidades africanas, compreendendo estruturas que sustentam as suas culturas. Questões como a honra e o prestígio parecem estar nas mãos das mulheres, daí ser necessário um controle sobre elas, seja através da autoridade masculina ou das balizas culturais hegemônicas, compreender o significado desta condição, a história de mulheres africanas instiga a repensar o papel da mulher na sociedade africana.

Conclusão

Não foi nosso interesse analisar as obras da escritora Paulina Chiziane, mas de fazermos um percurso com parte das suas ideias mostradas nas suas produções literárias sobre o feminino na sociedade moçambicana, esse feminino que é oprimido pelas relações sociais e de poder, consegue ser ao mesmo tempo parte fundamental para o funcionamento de uma sociedade que nada se tem e se fez sem a presença e participação das mulheres, portanto é a identidade moçambicana não é 'permanente', e como qualquer outra identidade é constantemente construída, redesenhada, ressignificada, nas suas simbologias e lutas, superando o que lhe imposto, muitas mulheres estão à frente na desconstrução dessas relações opressoras buscando sua emancipação individual.

REFERÊNCIAS

COSTA, L. C.; GUEDES, J. C. L. As cicatrizes do amor: a representação da mulher na sociedade moçambicana em Paulina Chiziane. **Cadernos Imbondeiro**. João Pessoa, v.1, n.1, 2010.

DIOGO, R. E. G. Paulina Chiziane: as diversas possibilidades de falar sobre o feminino. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 14, n. 27, p. 173-182, 2. Sem. em Letras. Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/viewFile/4338/4485>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. **A condição feminina em Balada de amor ao vento de Paulina Chiziane**. 2012. 170 f.: Tese (Doutorado) – Universidade Federal João Pessoa, João Pessoa, 2012.

_____. **Balada de amor ao vento**: as relações de gênero na ficção de Paulina Chiziane. Acesso em: 30 jul. 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/5001/3667>>.

GASPARETTO V. F. Perspectivas feministas africanas e organizações de mulheres em Moçambique. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n. 1, Florianópolis, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2017000100393>. Acesso em: 30 jul. 2018.

MENDES, A. M. SANTOS, AUREA. R. N. Paulina Chiziane: uma escrita de gênero e de representação de dilemas culturais. **Cerrados**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura, v. 25, n. 41, 2016 – Áfricas em movimento. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/download/19769/14048>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

MOTA, Pamela Maria do Rosário. Baladas de amor ao vento: questionamentos sobre as tradições moçambicanas. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 10, agosto de 2010. Disponível em: <http://africaeaficanidades.com.br/documentos/10082010_09.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2018.

PEREIRA, Iana Souza. **Vozes femininas de Moçambique**. 2012. 117 f. Dissertação (Mestrado)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.